

# A princesa do barro vermelho: mil e tantas estórias amazônicas

Benedita Martins da Cruz  
Universidade Federal do Pará

## 1. INTRODUÇÃO

*“O homens inventam maneiras de se ser humanos por meio da imaginação e de convenções. São os mundos da cultura... os caminhos pelos quais nos tornamos humanos”.*<sup>3</sup>

Desde os tempos mais remotos há relatos nas mais diversas formas: provérbios, fábulas, contos, anedotas... transmitindo-nos registros que tentam explicar a origem de um determinado acontecimento, seja este “real” ou considerado fantasioso. Esses relatos por estarem tão ligados à vida, ao imaginário, ao cotidiano e à linguagem das pessoas, fizeram com que o ato de narrar, de contar e recontar, aumentando um ponto em cada conto, em cada canção ou em outras formas de transmissão de estórias se confirmasse como um impulso natural do ser humano.

Um exemplo de crédito ou apelo ao imaginário:

*“Fantasma que revela o espírito da vinha buscamos sua orientação agora para traduzir o passado no futuro para entendermos cada detalhe da natureza para melhorarmos nossa vida revela os segredos de que nós precisamos”.*

(Manoel Córdova-Rion-Xamã Amanhuaca)<sup>4</sup>

O Xamã entoava uma canção narrativa para catalisar as energias do grupo. O contador de estórias seduz o ouvinte a conhecer espaços por ele jamais imaginados; o contador, com seu acento pessoal, que envolve toda uma arte de contar\*, tenta convencer seus ouvintes via “causos” narrados por seus

ancestrais e por ele enriquecidos - e passados adiante - seja por suas fantasias, seja por suas experiências de vida. Este narrador recorre principalmente à palavra para transmitir toda uma tradição de ditos populares, sagas, adivinhas, boatos que são elementos dos quais pode se valer para compor suas narrativas. Ou, ainda, para provocar a crença em seres míticos, que surgem, para supostamente ordenar o caos provocado por algo novo e estranho ao entendimento deste homem racional, sempre em busca de explicações.

Vale lembrar aqui que:

*"A palavra em si não tem um valor de peso por si mesma, ela tem valor enquanto ritmo, enquanto marcação, enquanto cadência. (enquanto sedução) Ela não se manifesta enquanto sabedoria, mas enquanto música, enquanto melodia. (enquanto representação no momento da performance) Por isso ela tem a força de convencer. Por isso ela tem a força de repor nos homens a energia que se vinha abatendo".<sup>5</sup>*

A prática de contar histórias nos moldes antigos – várias pessoas sentadas em volta de uma fogueira, ou sentados sob o luar – está hoje em desuso.

*"A experiência que passa de boca em boca, o mundo da técnica desorienta".<sup>6</sup>*

*Hoje não há mais conselhos nem para nós nem para os outros. Na época da informação, a busca da sabedoria perde as forças, foi substituída pela opinião".<sup>7</sup>*

Esta prática de contar envolvendo narrador e ouvinte, face a face, parece não combinar com a pressa dos dias de hoje. Não há mais tempo para troca de experiências, não há mais tempo para assimilação de ensinamentos vividos pelos mais velhos.

Mas quem pode afirmar nunca ter precisado ouvir uma história, fosse para dormir, fosse para dar asas à imaginação, fosse para colorir seu insatisfatório dia-a-dia?

O que tem garantido, em parte, a sobrevivência dessas tão antigas narrativas, apesar das ameaças, ou melhor, da concorrência dos meios de comunicação eletrônicos?

A capacidade e a necessidade que o homem tem de ouvir, memorizar e repetir o que aprendeu, de acordo com sua forma de ver o mundo, utilizando-se da linguagem, dos gestos e de outros recursos de que disponha para preservar esses, nem sempre, reconhecidos ensinamentos ou memória cultural de um povo, seriam razões suficientes para a manutenção da arte de narrar.

De uma forma ou de outra, o ato de contar não caiu em total esquecimento. A escrita, os meios técnicos de comunicação podem e devem ser grandes aliados do narrador, este artista da fala que encanta, seduz e tenta persuadir seus ouvintes da veracidade dos fatos/causos por ele contados.

Para nós ouvintes e, mais ainda, para os estudiosos da literatura, a comprovação dos fatos não importa, importa sim o emaranhado, a teia de significados novos que cada contador – um dos vários autores – destas narrativas acrescenta. Roland Barthes deixa claro que os temas são poucos, os arranjos é que são infinitos. Não se pode negar, nestes relatos, que são autênticos retratos da cultura de um povo, a recorrência de certos mitos.

Entre nós, na Amazônia Paraense, fonte da narrativa em estudo, alguns dos mitos mais presentes no imaginário do homem amazônida são: o boto, a cobra grande, o curupira, o saci - pererê, a mula-sem-cabeça; as lendas: do açaí, do guaraná, da mandioca e outras. São inúmeras variações das mesmas histórias que, de região para região, mudam as roupagens coloridas, mas sempre revestem um mesmo esqueleto. Revitalizam desta forma, narrativas, às vezes, declaradas mortas por outros e, é ele, o contador de "causos" quem a recupera, a completa com seu poder de imaginação, e às vezes inclusive a enriquece. Ele se encarrega de não deixar essa tradição - de contar o que ouviu, viveu ou imaginou - se romper.

Este estudo se propõe a levantar alguns elementos que demonstrem o entrelaçamento da narrativa *A Princesa do Barro Vermelho* – coletada pelos pesquisadores do Programa IFNOPAP<sup>8</sup>, na região da Amazônia paraense, Município de Marapanim – com a já conhecida e muito estudada personagem Sheherazade, contadora de estórias que vence a morte pela palavra, pelo poder e arte de contar e despertar o interesse na continuação ou início de outras estórias. O rapaz da narrativa *A Princesa do Barro Vermelho* à semelhança de Sheherazade seria morto após o casamento e também vence a morte não pelo bem falar, mas pelo bem ouvir, entender e experimentar os ensinamentos do velho contador de provérbios. Estabelecer-se, neste caso, entre o narrador e o ouvinte, “uma relação no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido... de geração a geração e gerar muitas outras estórias, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos.”<sup>9</sup>

Nas duas narrativas citadas acima, os personagens causadores das mortes, pertencem à realeza e suas atitudes se repetem: mandar matar o cônjuge após o casamento. Se o sultão Xariar se expõe, justificando seus atos de execução em defesa de sua honra, A Princesa do Barro Vermelho mantém o mistério, não explica o porquê das matanças de seus maridos, cabendo ao leitor a busca de possíveis razões para suas maldades.

Há, nas mais diversas narrativas coletadas pelos pesquisadores do referido programa e nas milhares estórias já compiladas, seja de que origem for, - até porque dizer “de onde” é uma estória não tem muito sentido -, um certo fascínio que nos atrai, nos envolve e nos impulsiona a querer ouvir mais uma vez o mesmo caso. Este fascínio que nos encanta se explica, certamente, porque toda “estória que se conta é uma tentativa de registrar, metaforicamente, uma experiência do ser humano que começou sua aventura neste planeta contando estórias, a palavra sendo seu principal instrumento, funcionando como uma máscara: as metáforas usadas para dar um pouco mais de força corporal às palavras, que são por natureza um mediador, espécie de objeto que

*se coloca entre o homem e sua experiência. As narrativas sempre falam do homem espelhado nas mais diversas personagens”*.<sup>10</sup>

## 2. A PRINCESA DO BARRO VERMELHO

*“Narrar estórias é sempre a arte de transmiti-las depois, e esta acaba se as estórias não são anotadas”*

(W. Benjamin)

Para este estudo, tomamos basicamente como referencial bibliográfico, além das leituras feitas durante o curso Conto e Memória, os artigos *Do Poder da Palavra*, de Adélia Bezerra de Menezes (UNICAMP), *Lembranças de Velhos*, de Eclea Bosi; *O Narrado e o Vivido*, de Beth Rondelli.

*Em “As 1001 Noites”, Sheherazade vence a morte e o poder, propiciando a cura através de um discurso vivo, corpóreo.*

*Sheherazade vence a morte através da Literatura. Trata-se da maior apologia da Palavra, de que se tem conhecimento.*<sup>11</sup>

Em *A Princesa do Barro Vermelho*, o protagonista é um rapaz que se encontra distante de sua casa tentando ganhar a vida e também escapa da morte através da palavra, não proferida por ele, mas proferida por seu parceiro de viagem.

Este rapaz que economizara um pouco de dinheiro e partira rumo ao seu objetivo, o de visitar sua família, entedia-se nesta longa viagem, e seu companheiro, um velho, não demonstra disposição para conversas. O rapaz, então, trabalhador consciente do poder do dinheiro, aceita pagar pelas estórias ao seu colega de viagem. Esta era a condição imposta pelo velho:

Rapaz:

— *Meu velho, conta uma estória?*

— *Eu conto, mas você paga!*

— *Então eu pago.*

Velho:

*“Nunca deixe o arrodeio por causa do atalho, nunca deixe o arrodeio por causa do atalho”*

*Essa é a estória, pagou.*

— *Só?*

— *Só?*

— *Meu velho, me conte mais uma estória.*

— *Eu conto! Mas você me paga?*

— *Eu pago sim, então diga lá.*

— *“Um homem com uma coroa na cabeça é um rei”*

*Outra estória, tá bem, tá certo.*

— *Conte mais uma estória.*

— *Eu conto, mas o senhor paga?*

— *Pago!*

*Ele tinha uns trocadinhos.*

— *“Quem muito dorme pouco vê, no silêncio da noite alguma coisa há de aparecer”*

*Outra estória.*

— *Conte mais outra estória.*

— *Conto! “Olha! Quem canta no terreiro é o galo não é a galinha”*

*Outra estória.*

— *A última!*

— *“O saco do “p” nunca acaba de encher”*

*Outra estória, pagou.*

*Tá certo. Ai acabou o capital.*

O curioso rapaz, sem lamentações, reinicia a busca por outro emprego para visitar sua família, gastara todo o seu dinheiro pagando ao contador por suas estórias.

Nesta narrativa, o velho, aparentemente repetidor de provérbios, é, na verdade, “um repetidor da tradição na medida que domina e transmite esses componentes fixos”<sup>12</sup>, passa adiante as “ruínas das narrativas” que foram se desmoronando

até quase desaparecer da memória do contador. Mas, no momento em que estes restos de memória são confiados a outrem, eles poderão ser recriados a partir dos elementos adaptáveis que ficam por conta dos modos de viver e da cultura de cada povo que ouve e repassa as estórias.

O contador retém, em sua memória, a espinha dorsal das narrativas e deixa todas as ramificações livres para expansão que o poder de inventar dos próximos autores lhe venha acrescentar.

Este velho contador de causos ou narrador de provérbios nos remete a Walter Benjamin, para quem

*“O provérbio é concebido como uma espécie de ideograma de uma narrativa... os provérbios são ruínas de narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça um muro... O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer”*.<sup>13</sup>

A Primeira coisa de que o rapaz lembra, ao partir, é do velho advertindo-lhe: *“Nunca deixe o arrodeio por causa do atalho, porque os assaltantes iam pelo atalho... O cara leva o dinheiro e lá ele (assaltante) tomava o dinheiro e ainda matava o cara, então ele foi fazer o arrodeio. E a primeira estória foi aproveitada.*

Neste momento, o rapaz inicia sua trajetória futura: a de um autêntico narrador, já que assimilara a experiência que lhe fora transmitida por ouvir dizer... E também porque, por natureza, a narrativa

*“tem sempre em si, ou latente, uma dimensão utilitária: seja em ensinamento moral, seja uma sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – o narrador é um homem que sabe dar conselhos”*.<sup>14</sup>

*E foi o que ele se safou, foi embora. Até que varou na cidade: era numa cidade onde ele passou na frente do palácio, estava tudo aberto, a porta e a janela, estava tudo escrito na frente assim, “A princesa do barro vermelho casa todos os dias”.*

O rapaz não esquecera dos adágios do velho que, em sua economia de palavras, lhe disse muito, em sínteses, que são, com certeza, resquícios de causos contados por seus avós, e sua memória foi esfacelando-os, restando apenas estes preciosos ditados conselheiros.

Ao ler a intrigante frase, – *Princesa do Barro Vermelho casa todos os dias* – quis saber:

— *Que negócio é esse?*

Necessário se faz traçar, com esta informação: “*A princesa do barro vermelho casa todos os dias*”, alguns pontos em comum com a estória do sultão:

*“Xariar, sultão de todas as Índias, da Pérsia e do Turquistão, que descobre por intermédio de seu irmão, imperador da Grande Tártaria, que sua mulher o traía. E ele toma conhecimento disso no mesmo momento em que o irmão lhe revela que também fora traído pela mulher. A conclusão é inevitável. “Todas as mulheres são naturalmente levadas pela infâmia, e não podem resistir à sua inclinação”. Conclusão reconfirmada ao constatarem que mesmo a mulher do gênio, encerrada numa caixa de vidro a quatro chaves, e depositada no fundo do mar, audaciosamente o trai enquanto, cansado, o gênio adormece. A cada caso fortuito, um anel para sua coleção de 98 anéis, com mais os dois (sultão e seu irmão) completara uma centena.*

*“Uma centena de amantes, malgrado a vigilância ciumenta e a precaução do gênio, que me quer só para si” ... “Vede que, quando uma mulher tem um desejo, não há marido que possa impedir a sua execução”.*<sup>15</sup>

Os dois irmãos, convencidos de que nada no mundo ultrapassa a malícia das mulheres, decidem retornar cada um para o seu reino. O sultão Xariar decide manter sua honra preservada, sem prescindir de mulher: dormiria a cada noite com uma virgem, e, no dia seguinte, ao acordar, mandaria matá-la, pelo seu grão-vizir – pai da corajosa Sheherazade, que a cada dia presenciava a execução de mais uma jovem casada e morta por ordens do sultão.

### 3. SULTÃO XARIAR CASA TODOS OS DIAS NA ÍNDIA! PRINCESA DO BARRO VERMELHO CASA TODOS OS DIAS NA AMAZÔNIA PARAENSE!

Esta desolação de, a cada noite, uma virgem casar e pela manhã morrer, será desafiada pela filha do grão-vizir do sultão, Sheherazade que:

*“... tinha uma coragem maior do que se seria de esperar do seu sexo, e um espírito de uma admirável penetração. Tinha muita leitura e uma memória tão prodigiosa, que nada lhe escapava, de tudo que ela havia lido. Aplicara-se com todo sucesso ao estudo da filosofia e da medicina, e das belas-artes; e fazia versos melhores que os mais célebres poetas do seu tempo. Além disso, era provida de uma grande beleza, e uma muito sólida virtude coroava todas essas belas qualidades”.* (G., vol.1, pág. 35)<sup>16</sup>

Sheherazade combina com sua irmã Dinerzade que, após sua noite de núpcias, uma hora antes de romper o dia, Dinerzade deveria acordá-la e solicitar que contasse uma de suas histórias... Obtida a permissão do sultão, Sheherazade começa a narrar.

No auge do suspense, quando a ação está para ser definida, com a curiosidade do seu real ouvinte aguçada, Sheherazade, vendo que a aurora se anunciava, suspendia sua narrativa e o sultão, seduzido pelo encanto das estórias, permite

que ela viva mais um dia para concluir a narrativa e, naturalmente, acabar com sua curiosidade. Na noite seguinte, o final da estória é contado e, em seguida, iniciada outra, que é interrompida no auge do suspense ao romper da aurora.

E, assim, noite após noite, o sultão declara desejar ouvir a história iniciada na véspera... Desta maneira, Sheherazade consegue, dia-a-dia, ganhar o direito de viver. Arrisca perder a vida, para recuperar ante ao sultão a imagem feminina, que fora perdida pela infidelidade. Esta mulher, através da palavra, consegue salvar a raça feminina.

Sheherazade continua contando, e, quando chega a milésima primeira noite, o sultão se rende: *“Bem vejo, amável Sheherazade, que sois inesgotável em vossas narrativas; há muito me divertis; pacificaste minha cólera, e eu renuncio de bom grado à lei cruel que eu me tinha imposto... Desejo que sejais considerada como a libertadora de todas as moças que deveriam ser imoladas ao meu justo ressentimento”*. (6 vol. 3, pág. 439).

Xariar é convencido ou seduzido pela incansável habilidade de narrar e despertar a pergunta, e depois? o que acontecerá? o que exige como resposta outra estória e, nesse jogo de interrupção no momento certo, *“a narração não se consoma, pois sua força está concentrada em limites como a da semente e se expandirá por tempo indefinido”*.<sup>17</sup>

O contador de estórias da narrativa A Princesa do Barro Vermelho, ao contrário de Sheherazade, mulher culta, é desprovido das normas do “falar bonito”, adquirido nas escolas e nos livros, mas ele possui a palavra que, segundo Paul Zumthor é

*“a palavra mais fixada, enriquecedora por seu próprio fundo, arquivo sonoro de massas que, em sua maioria, ignoram a escrita e são ainda mentalmente inaptas – por isso mesmo – a racionalizar suas modalidades de ação. Esta é a palavra-força que tem seus portadores privilegiados: velhos, pregadores, chefes, santos e, de maneira pouco diferente, os poetas; ela tem seus lugares privilegiados: a corte, o quarto das damas, a praça da cidade, a borda dos poços, a encruzilhada da igreja”*.<sup>18</sup>

Os contadores existentes ainda na grande massa de semi-analfabetos - o velho da narrativa *A Princesa do Barro Vermelho* - por exemplo, que obteve o seu saber trazido nas vozes das mães e avós anônimas, apreendem o que lhes é passado de forma solta, ao sabor das ondas tão obscuras quanto coloridas do livre imaginar e observar. Estes contadores é que conservam o hábito de contar *“outrora e hoje, pela noite de trabalho ou à espera da hora do sono, sendo o contar e o ouvir estórias a suprema ajuda para a compridão do tempo”*. A prática do contar e ouvir é um fator de integração social da comunidade. Beth Rondelli em seu livro *O Narrado e o Vivido*, enfatizando esta função das narrativas, registra pelo menos três razões para que o ouvinte goste de ouvir diversas vezes as variações de uma mesma estória:

*“1º) uma estória pode ser interpretada ou reelaborada de modo diferente pelos seus ouvintes, nas várias vezes em que é narrada;*

*2º) contar estórias é um evento comunicativo que permite aos participantes interagirem socialmente, eles não estão ali reunidos somente para ouvir estórias, mas também para estar juntos, falar-se, enfim, conhecer-se;*

*3º) o que leva os participantes a ouvir várias vezes a mesma estória é o fato de que ela não é apenas um texto, mas é, principalmente, o modo de contá-lo.*

*Contar estórias requer o domínio de uma linguagem teatral que a audiência desfruta juntamente com o desenrolar do texto”*.<sup>19</sup>

Elementos que tornam cada narração única e singular, mesmo que seu enredo básico seja repetido: os gestos e o tom da voz do narrador, a maneira como monta os episódios e constrói os diálogos entre os personagens, toda a expressividade e espontaneidade no momento da performance.

Mas os contadores de um modo geral não têm consciência de mais este atrativo das narrativas e do poder da palavra, só sabem que estas estórias são boas para pensar e passar o tempo. Quem as ouve é que poderá ou não desentranhar as mensagens contidas nas suas entrelinhas.

Voltando aos personagens das duas narrativas, Xariar e a Princesa do Barro Vermelho, destacando mais uma das intrigas das estórias: o sultão Xariar manda matar suas esposas, a Princesa não manda diretamente, não fica claro na narrativa o porquê da serpente ser a executora das vítimas da Princesa.

O rapaz é o primeiro a enfrentar estes mistérios. Chegando à cidade, pára então diante do palácio onde leu a frase:

*“A princesa do barro vermelho casa todos os dias”* viu também uma coroa, lembrou-se do velho dizendo: *“um velho com uma coroa é um rei”*.

O rei não estava presente. O rapaz pegou a coroa e colocou na sua cabeça. Imediatamente surge a princesa. (caíra na armadilha?)

— *Não! Agora vamos casar, já!*

— *E agora é tarde mesmo.*

... *saiu o casamento.*

... *depois do casamento... ela disse que ia dormir num quarto e ele ia pra outro.*

*Porque ali naquele quarto tinha uma marmota\*\*, uma serpente.*

*Que vinha comer o camarada, a cabeça do camarada que tinha casado com ela. Quando era de manhã a carruagem já vinha buscar o corpo do camarada, a cabeça a serpente comia.*

... *Ela já podia casar com outro. Era por isso que casava todos os dias.*

Nas duas narrativas as atitudes dos nobres se repetem: matar o cônjuge após o casamento. Na estória do sultão, há a noite de núpcias, na estória da princesa a primeira noite não é consumada, a princesa ordena que o marido durma no outro

quarto – fatídico – onde outros rapazes já haviam sido sacrificados pela serpente.

Por que a serpente?

A princesa também poderia mandar matar seus maridos por um dos seus súditos, procedimento adotado por seu colega da nobreza que mandava o grão-vizir executar o castigo – o sultão queria manter sua honra, não sendo mais traído por nenhuma mulher.

Na estória da princesa não está explícito o motivo das execuções e o porquê de um ser não-humano responsabilizar-se pelas cabeças dos maridos. Seria a serpente a guardiã da sexualidade da princesa?

Para Jean Chevalier & Alain Cheerbrant, a serpente “é aquilo que anima e que mantém. No plano humano é o símbolo duplo da alma e da libido”.<sup>20</sup> O ato da entrega era impedido pela serpente que comia a cabeça de cada marido da princesa, até surgir este rapaz que vem quebrar a macabra prática da princesa/cobra, como veremos mais adiante.

Outro elemento de (des)cruzamento entre os personagens: ao contrário de Sheherazade que transmitia e criava estórias, prolongando-as a não se cansar, o velho contador transmitia apenas as ruínas das narrativas, para usar expressão de W. Benjamin, através de provérbios enigmáticos que, ao rapaz, caberia a tarefa de decifrá-los e incorporá-los à sua vivência.

#### 4. ESPERTEZA E ASTÚCIA

*Olha! Quem muito dorme pouco vê, no silêncio da noite alguma coisa há de aparecer.*

*Ele ficou contente daquela estória, né!*

*A princesa disse:*

— *Olha! Você vai dormir naquele quarto.*

*Tem a estória que o velho disse:*

— *“Quem canta no terreiro é o galo, não a galinha”*

O atento ouvinte entendeu estes recados do velho como advertências, alerta para não obedecer às ordens da princesa. Mas lembrou-se também que a princesa mandou que escolhesse uma espada.

*... Ai ele afiou bem a espada, era ferro bom, limpou bem e foi para o bendito quarto, que ela ordenou que era para ele ir.*

*Ele se lembrou da estória do velho - "Quem muito dorme pouco vê"*

*Aqui aparece qualquer coisa, ele não dormiu.*

*Ele ficou atento ali todo o tempo, que quando deu meia-noite ele viu um estrondo no alçapão do assoalho, ele passou mão na espada e ficou de prontidão, que quando viu a serpente, vinha botando a cabeça, aí ele passou-lhe a espada, a cabeça da serpente caiu, aí próximo dele, que quando foi de manhã, lá vem a carruagem, já vinha buscar o corpo do camarada, na certa, que era assim que acontecia. Na chegada lá, o homem estava vivo. Tinha morto a serpente e a cabeça estava lá. Aí, pronto, um festejo do maior. A moça não casou mais, porque todo dia o bicho comia.*

Qual foi a esperteza e a astúcia do rapaz?

Primeiro, foi curioso: ficara pensando nas estórias que ouvira, matutando sobre o que havia de sabedoria naquelas tão poucas palavras e, no momento certo, à medida em que as dificuldades ou enigmas iam se impondo foi descobrindo suas mensagens e seguindo-as na íntegra. Segundo, porque enfrentara a serpente decepando a cabeça com a espada que a princesa lhe dera. Aqui temos um indício de que a princesa se cansara de casar todos os dias e/ou já ansiosa, queria finalmente tornar-se mulher! Então, ordenou que o rapaz levasse consigo uma espada, queria que ele se defendesse e acabasse enfim com a "maldição" ou a auto-repressão?

Vendo o rapaz vencedor, foi um festejo maior. E, à maneira do sultão Xariar, que fora curado pelo poder da palavra,

seduzido pelo encanto e suspense das tramas tecidas por Sheherazade, a princesa tornara-se livre para entregar-se ao marido que sobrevivera à gulosa serpente; não graças às longas estórias das 1001 noites, mas graças aos provérbios muito bem interpretados pelo ouvinte.

Tudo parecia resolvido quando seu espírito aventureiro, curioso e esperto, lembrou-lhe da última estória do velho.

*— Mas aquele velho disse que "o saco do "p" nunca acaba de encher"*

*Eu não tenho nada, quem tem aqui é a princesa. Me casei com ela, mas o reinado, as terras, eu não tenho nada, tenho que dá um jeito para ter o que é meu.*

*Aí pergunto para princesa: - princesa, de quem é esse reinado que tem do outro lado?*

*Ela disse que era do tio dela.*

*Ah! Princesa eu vou lá procurar um serviço para mim trabalhar, quero ganhar um dinheiro, quero ter o que é meu.*

*- Isso aqui é teu!*

*- Eu quero o que é meu.*

*- Isso não! Você não tem precisão de ir trabalhar para lá.*

*Disse: deixa comigo.*

O final da estória foi, ainda, bem aproveitado: "O saco do "p" nunca acaba de encher". Para este último provérbio/estória, há uma variação presente em outras narrativas; "do rico a medida do ter nunca enche". O rapaz, já confiante por ter vencido os obstáculos que encontrou no seu caminho de volta para casa, utilizando-se dos sábios conselhos do velho contador, decidiu seguir mais este último. Sua esperteza e ambição o levaram a olhar para outro reinado, o do tio da princesa e resolveu trabalhar lá. Seguiu ao pé da letra o ditado: "quem canta no terreiro é o galo não a galinha", não ouviu os argumentos contrários da esposa e foi. Antes, ordenou que, ao meio-dia, a princesa fosse no local do seu trabalho levar a comida, a bebida, a roupa e a água para banhar-se.

A princesa concordou.

*Aí, ele foi, chegou lá, falou com o encarregado do tio da princesa, que era dono do reinado, não sei como era o nome dele.*

*Aí, deu o serviço, aí foi trabalhar lá junto com os peões lá com as enxadas no campo.*

*Que quando deu a hora de merendar, chamaram para ele merendar, ele disse que não, que ele agüentava mesmo, só trabalhou. Que quando chegou a hora do almoço, ele respondeu que não ia almoçar que a princesa do Barro Vermelho vinha trazer a bóia para ele.*

*Ah! Quando ele disse isso assim, foram contar para o rei, né!*

*— Esse camarada aí tá [apelando da princesa], ele é um trabalhador braçal, né? Que ele estava se apavulando que a princesa vinha trazer de comer para ele, não sei o que mais!*

*Aí o rei mandou chamá-lo.*

*— Como é que você está dizendo que a princesa do Barro Vermelho vem trazer combustível para você almoçar, e tomar banho e roupa para mudar, você é engraçado, um braçal vem e se aproveita da minha filha. Aí ele disse:*

*— Ela vem.*

*— Não vem.*

*— Que apostar?*

*— Vamos apostar!*

*— Eu aposto, eu dou a metade do meu reinado se ela vier trazer água e...*

*— Você qué apostar? Bora, bora, tá apostado. E testemunharam a aposta, tá certo. Pensando que ele é um trabalhador.*

*— Não era a princesa que vinha trazer o mantimento para ele?*

*Ele duvidou, testemunharam muito bem. Que quando deu meio-dia, lá vinha a princesa na carruagem: água para tomar banho, roupa para mudar e a refeição. Aí foi o jeito, ele dividiu o reino. Aí pronto, ganhou a metade do reinado.*

*- Aí então, concluo a estória, a última que o velho contou, - 'o saco do 'p' nunca acaba de encher', aí ele ganhou, a metade do outro foi dele também.*

De homem marcado para morrer na goela da serpente, este rapaz, homem do povo, inverte toda a situação induzido que estava a agir pela força das palavras do seu velho contador de causos. Ele foi vencendo todas as situações difíceis que o levariam à morte.

Com este estudo da estória *A Princesa do Barro Vermelho*, uma das narrativas amazônicas recuperadas pelo programa IFNOPAP, ousou afirmar com W. Benjamin que

*"A perda do caráter utilitário e a subtração do bom conselho e da sabedoria, características do estágio presente da narrativa, não são vistas por Benjamin como sinais de um processo de decadência por que passa a arte de narrar hoje como sugerimos atrás, o que o retira de imediato da categoria dos historiadores anacrônicos ou catastróficos. Na escrita de Benjamin, a perda e as subtrações acima referidas são apontadas para que se saliente, por contraste, a "beleza" da narrativa clássica - a sua perenidade. O jogo básico do raciocínio de Benjamin é a valorização do pleno a partir da constatação do que nele se esvai. E o incompleto - antes de ser inferior - é apenas menos belo e mais problemático. As transformações por que passa o narrador são concomitantes com "toda uma evolução secular das forças produtivas".<sup>21</sup>*

"A valorização do pleno a partir da constatação do que se esvai" foi exatamente o que o rapaz fez, apostou no quanto de mais sábio as curtas estórias escondiam e, à sua maneira, desentranhou um fio condutor de tantas outras estórias que queira criar, contar e recontar ... mil e tantas estórias amazônicas.

## 5. (IN) CONCLUSÃO

A curiosidade – necessidade imperiosa de conhecer – movera as atitudes do rapaz. Num primeiro momento, ouvindo e intrigando-se com as curtas estórias do velho. - *É só. É. Tá certo, eu pago. Conte outra.*

Num segundo momento, memorizando-as e nas horas de dificuldade utilizando-as com sabedoria. O rapaz deixara-se manipular pelo velho que o seduzira com aquelas poucas palavras transformadas por ele em poderosas ações que vieram salvar-lhe a vida, não só a sua, mas também as dos próximos maridos que a princesa teria, caso ele falhasse.

Tal qual Sheherazade que salva a raça feminina do trágico destino imposto pelo sultão às moças casadoiras, o rapaz salva os homens da mesma fatalidade.

Sheherazade cura, salva o sultão; o rapaz cura, salva a sua princesa do encanto, feitiço, maldição que a impedia de amar, de formar família e de dar continuidade a uma relação.

Sheherazade e o rapaz lidam com o Desejo.

*“E todos sabemos que o Desejo não tem um objeto que o aplaque; uma vez cumulado, ele ressurgue, desperto do outro, e assim sucessivamente. Não há objeto que supra, que o satisfaça, que o cumule. O que é que o sultão queria? Uma nova história, e por isso Sheherazade viveria mais um dia, e depois outro, e outro. Ela não tenta obter dele, logo de início, que lhe poupe a vida para sempre; consegue dele, a cada dia, que lhe poupe a vida por aquele dia. Mas ele também, o sultão daria sentido a mais um dia de sua existência, na espera; expectativa de algo que o plenifique. A função de Sheherazade era alçar sua vontade, tendê-la para algo por vir. Ela age no sentido de acutilar o Desejo, de aticá-lo, de só ilusoriamente aplacá-lo... por uma noite. Uma vez supostamente aplacado, ele renascerá. O objeto do Desejo está sempre além, sempre adiante, visa sempre um além que escapa: é isso que nos conta a história de Sheherazade e do sultão de todas as índias”.*<sup>22</sup>

E é a demonstração do insaciável desejo que a estória do rapaz nos conta. Não satisfeito com a primeira conquista obtida – aparentemente objeto do seu desejo – segue em busca de outros objetos, decifrando mais alguns enigmas dos

provérbios do velho contador. O rapaz soube utilizar as “palavras-força”. Deixara-se moldar pelas palavras que, assimiladas e transformadas em ação, salvaram muitas vidas.

Não resisto, aqui, a uma referência ao filme *Dom Juan de Marco*, de Jeremy Leven,<sup>23</sup> adaptação da estória do maior amante do mundo. O psiquiatra que fora encarregado para tratar o homem que pensava ser Don Juan, tem sua vida revigorada, ou seja, é curado pela fala do paciente, o processo invertido da cura. Ao contrário, na narrativa *A Princesa do Barro Vermelho* o rapaz é dado o poder de curar não pela fala, mas pelas ações impulsionadas pela palavra ouvida do velho contador de estórias. De qualquer forma é a uma voz que se deve todo o desenlace, a vitória do homem contra o “mal”, “o sobrenatural”?

Para o rapaz a escuta foi transformadora e para a princesa as ações do rapaz a libertaram.

O velho oferece ao rapaz uma linguagem, o rapaz oferece à princesa as ações e uma vida plena de aventuras. O velho sabe o que diz. O rapaz soube (e colocou em prática) o que ele quis dizer.

## A N E X O S

ANEXO 1  
NARRATIVA\

IT02AM280195-VI

\* 447

A Princesa do Barro Vermelho é uma estória que é [ ] um rapaz que [ ] foi arrumar um emprego numa fazenda, né. Aí, trabalhou [ ]. Aí, tirou um saldozinho pouco e que ele calculou que desse para chegar na casa dele, mas não deu.

Aí, ele viajou, prestou conta com o patrão, viajou e na viagem ia um velho. Aí, lembrou-se:

— Meu velho, conta uma estória.

Ele disse:

— Eu conto, mas, você me paga?!

— Então eu pago - ele levava um trocadinhos - Isso eu pago.

Aí, ele disse assim:

— Nunca deixe o arroteio por causa do atalho, nunca deixe o arroteio por causa do atalho. Essa é a história.

Pagou.

— Só?

— Só!

Aí, pagou por causa da história.

— Meu velho me conte mais uma história.

— Eu conto! mas você paga?

— Eu pago sim. Então, diga lá.

— Um homem com uma coroa na cabeça é um rei.

Outra história. Está bem, está certo.

Aí, andaram, andaram, andaram de novo. Lá adiante ele disse:

— Conte mais uma história.

— Eu conto, mas o senhor paga?

— Pago! - ele tinha uns trocadinhos.

— Quem muito dorme pouco vê e no silêncio da noite alguma coisa há de aparecer - outra história.

Aí, andaram, andaram de novo.

— Conte mais outra história.

— Conto!

Aí, contou de novo. Ele disse:

— Olha, quem canta no terreiro é o galo, não é galinha.

— Outra história. A última.

— O saco do “p” nunca acaba de encher - outra história, pagou.

Está certo. Aí, acabou o capital.

— Bem, meu velho, parece que eu vou ter que voltar, acabou o capital, não dá pra chegar em casa e eu vou voltar. Vou pegar serviço de novo pra poder ver se eu chego em casa.

Aí, voltou. Trabalhou um ano. Dali, um ano foi fazendo umas economias de forma que ele tinha um bom saldo que dava para chegar andando. E aí, ele prestou conta com o patrão, que queria ir dar um passeio na casa da família dele.

Está certo. E aí, prestaram conta. Ficou com um bom saldo.

Primeira coisa que ele se lembrou foi da primeira estória do velho, “nunca deixe o arrodeio por causa do atalho”, porque os assaltante iam pelo atalho, já acostumados, que era por ali [ ] os assaltantes ficavam no atalho. O cara leva o dinheiro e lá ele tomava o dinheiro, ainda matavam o cara. Então, ele foi fazer o arrodeio. E a primeira estória foi aproveitada.

— Mas aquele velho me disse que a gente não deixa o arrodeio por causa do atalho. Então, eu não vou pelo atalho, eu vou pelo arrodeio.

E foi o que ele se safou, foi embora. Até que chegou na cidade.

Era uma cidade onde ele passou na frente do palácio, estava tudo aberto. Nas portas e nas janelas, estava tudo escrito, na frente, assim, “A Princesa do Barro Vermelho casa todos os dias”.

— Que negócio é esse?

Ele não viu ninguém. Viu a coroa ali.

— Mas aquele velho disse que um homem com uma coroa é um rei.

Aí, ele pegou a coroa. Nisso que pegou a coroa e sentou na cabeça, lá veio a princesa.

— Não, agora vamos casar. Já!

— É, agora é tarde mesmo.

Aí, prepararam lá o movimento, foram e saiu o casamento.

Então, lá no... depois do casamento, eles foram... ela disse que ia dormir num quarto ele ia pra outro, porque ali naquele quarto tinha uma marmota, uma serpente que vinha comer o camarada, a cabeça do camarada que tinha casado com ela. Quando era de manhã, a carruagem já vinha buscar o corpo do camarada. A cabeça, a serpente comia. Mais de manhã, o camarada dormia a serpente vinha e comia a cabeça, ficava o corpo. De manhã, a carruagem já vinha na certa buscar o corpo para levar. Ela já podia casar com outro. Era por isso que ela casava todos os dias.

Mas o velho já tinha dito assim para ele, “olha, quem muito dorme, pouco vê, no silêncio da noite alguma coisa há de aparecer”.

Ele ficou contente daquela estória, né. A princesa disse:

— Olha! você vai dormir naquele quarto.

Tem a estória que o velho disse: “quem canta no terreiro é o galo, não a galinha”.

Ele ficou assim..., ficou meio brabo. Está certo!

Aí, ele afiou bem a espada, era ferro bom, limpou bem e foi para o bendito quarto, que ela ordenou que era para ele ir.

Ele se lembrou da estória do velho, “quem muito dorme pouco vê”.

— Aqui aparece qualquer coisa.

Ele não dormiu. Ele ficou atento ali, todo tempo. Que quando deu meia noite ele viu um estrondo no alçapão do assoalho, ele passou mão na espada e ficou de prontidão. Que quando viu, a serpente vinha botando a cabeça, aí, ele passou-lhe a espada, a cabeça da serpente caiu aí próximo dele.

Que quando foi de manhã, lá vem a carruagem, já vinha buscar o corpo do camarada, na certa, que era assim que acontecia. Na chegada, lá o homem estava vivo. Tinha morto a serpente e a cabeça estava lá.

Aí, pronto, um festejo do maior. A moça não casou mais, porque todo dia o bicho comia.

Aí, ele se lembrou da última estória do velho. Mais aquele velho disse que o saco do “p” nunca acaba de encher.

Eu não tenho nada, quem tem aqui..., é da princesa. Me casei com ela, mas o reinado, as terras, eu não tenho nada, tenho que dar um jeito para ter o que é meu.

Aí, perguntou para princesa:  
— Princesa, de quem é esse reinado que tem do outro lado?

Ela disse que era do tio dela.  
— Ah! Princesa, eu vou lá procurar um serviço para mim trabalhar, quero ganhar um dinheiro, quero ter o que é meu.

— Isso aqui é teu!  
— Eu quero o que é meu.  
— Isso não! Você não tem precisão de ir trabalhar pra lá.

Disse:  
— Deixa comigo.  
— Eu vou arrumar lá um serviço, vou trabalhar, mas na hora:

— Você vai levar na carruagem a comida, a bebida e roupa para mudar, água para tomar banho, tudo isso você vai levar para mim lá.

— Está certo.  
Eles acertaram muito bem.  
— Meio-dia tu vais.  
— Está certo, está tudo certo.  
Aí, ele foi, chegou lá, falou com o encarregado do tio da princesa, que era dono do reinado, não sei como era o nome dele.

Aí, deu o serviço. Aí, foi trabalhar lá junto com os piões lá com as enxadas no campo. Que quando deu a hora de merendar, chamaram para ele merendar, ele disse que não, que ele agüentava mesmo. Só trabalhou.

Que quando chegou a hora do almoço, ele respondeu que não ia almoçar que a princesa do Barro Vermelho vinha trazer a bóia para ele.

Ah! Quando ele disse isso assim, foram contar para o rei, né!

— Esse camarada aí está [apelando da princesa], ele é um trabalhador braçal, né? Que ele estava se apavulando que a princesa vinha trazer de comer para ele, não sei o que mais.

Aí, o rei mandou chamá-lo.  
— Como é que você está dizendo que a princesa do Barro Vermelho vem trazer combustível para você almoçar, e tomar

banho e roupa para mudar, você é engraçado, um braçal vem e se aproveita da minha filha.

Aí, ele disse:  
— Ela vem.  
— Não vem.  
— Quer apostar?  
— Vamos apostar!  
— Eu aposto, eu dou a metade do meu reinado se ela vier trazer água e...  
— Você quer apostar? Embora, embora, está apostado.

E testemunharam a aposta. Está certo. Pensando que ele é um trabalhador.  
— Não era a princesa que vinha trazer o mantimento para ele?

Ele duvidou, testemunharam muito bem.  
Que quando deu meio dia, lá vinha a princesa na carruagem: água para tomar banho, roupa para mudar e a refeição.  
Aí, foi o jeito, ele dividiu o reino. Aí, pronto, ganhou a metade do reinado.

Aí, então, concluído a história, a última história que o velho contou, "*o sacco do 'p' nunca acaba de encher*".

Aí, ele ganhou. A metade do outro foi dele também.

## N O T A S

\* Um estudo sobre a arte de contar será desenvolvido como parte integrante da dissertação de mestrado.

\*\* no sentido dicionarizado, marmota: pequeno quadrúpede roedor; na narrativa, marmota tem o sentido de emboscada.

<sup>1</sup> ZUMTHOR, P. (1993), p. 144.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_ (1993), p. 154.

<sup>3</sup> ALVES, R. (1993), p. 57.

- <sup>4</sup> SEVCENKO, N. (1988), p.127
- <sup>5</sup> \_\_\_\_\_ (1988), p. 127
- <sup>6</sup> BOSI, E. (1979), p. 42.
- <sup>7</sup> \_\_\_\_\_ (1979), p. 43.
- <sup>8</sup> IFNOPAP
- <sup>9</sup> BOSI, E. (1979), p. 48.
- <sup>10</sup> SEGOLIN, F. (1995)
- <sup>11</sup> MENESES, A.B. (1987), p. 115
- <sup>12</sup> RONDELLI, B. (1993), p. 32.
- <sup>13</sup> BENJAMIN, W. (1985), p. 221.
- <sup>14</sup> \_\_\_\_\_ (1985), p. 221
- <sup>15</sup> MENESES, A.B. (1987), p.p.115 (não reproduzido na íntegra)
- <sup>16</sup> \_\_\_\_\_ (1987), p. 116.
- <sup>17</sup> BOSI, E. (1979), p. 46.
- <sup>18</sup> ZUMTHOR, P. (1993), p. p.75.
- <sup>19</sup> RONDELLI, B. (1993), p. 31.
- <sup>20</sup> CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. (1993), p. 815.
- <sup>21</sup> SANTIAGO, S. (1989), p. 40.
- <sup>22</sup> MENESES, A.B. (1987), p. 121.
- <sup>23</sup> LEVEN, J. (1995).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. Conversas com quem gosta de ensinar, S. Paulo, Cortes, 1993.
- BENJAMIN, W. "Magia e técnica, Arte e política". In: Obras escolhidas, S. Paulo, Brasiliense, 1985.
- JÚNIOR, Bento Prado [et all.] Ficção e história. Organizado por Dirce Côrtes Radel. R. Janeiro. Imago, 1988.
- BOSI, Ecléa: Memória e sociedade: lembrança de velhos. S. Paulo, T. A. Queirós, 1979.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. R. Janeiro, José Olympio, 1993.
- IFNOPAP - Programa de Pesquisa: O Imaginário nas formas narrativas orais populares na Amazônia Paraense, coordenado pelos professores Ma. do Perpétuo Socorro G. Simões e Christophe Golder, do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará.
- JÚNIOR, Bento Prado [et al.]. Ficção e história. Organizado por Dirce Côrtes Radel. R. Janeiro. Imago, 1988.
- LEVEN, Jeremy. Don Juan de Marco, 1995.
- MENESES, Adélia Bezerra de. O Poder da Palavra. In: Remate de Males, Campinas, (7): 115-124, 1987.
- RONDELLI, Beth. O Narrado e o vivido. R.J. - FUNARTE; IBAC, Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993.

SANTIAGO, Silviano. O Narrador Pós-Moderno. In: Nas malhas das letras, S. Paulo, Cia. das Letras, 1989.

SEGOLIN, Fernando. Anotações, Palestra proforma do I Encontro Nacional de Literatura Oral, realizado em Belém, out., 1995.

ZUMTHOR, Paul. A Letra e a voz. S. Paulo, Cia das Letras, 1993.